

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LETRAS E ZOOTECNIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

REJANE VALÉRIA FIORIN

**PASSANDO BATOM: SER MENINA, SER MULHER NA LITERATURA
INFANTO JUVENIL DE SERGIO CAPARELLI**

**PONTES E LACERDA - MT
DEZEMBRO / 2013**

REJANE VALÉRIA FIORIN

**PASSANDO BATOM: SER MENINA, SER MULHER NA LITERATURA
INFANTO JUVENIL DE SERGIO CAPARELLI**

Monografia de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso–*Campus* Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do título de graduado em Letras.

**Orientador: Profa. Dra. Marinei Almeida
Co-orientador: Prof. Me. Epaminondas de Matos.**

**PONTES E LACERDA - MT
DEZEMBRO / 2013**

REJANE VALÉRIA FIORIN

**PASSANDO BATOM: SER MENINA, SER MULHER NA LITERATURA INFANTO
JUVENIL DE SERGIO CAPARELLI**

Monografia apresentada a Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)
como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Marinei Almeida (Orientadora)

UNEMAT - Pontes e Lacerda - MT

Prof. Me. Epaminondas de Matos Magalhães (Co-orientador)

IFMT- *CAMPUS* de Pontes e Lacerda

Prof. Me. Ediliane..

UNEMAT – Pontes e Lacerda – MT

A narrativa é a correnteza que nos leva, embora (sejamos) nós que guiamos o barco.

José Saramago

Aos meus pais Renato e Rosani Fiorin, também ao meu irmão Robson Fiorin pelo incentivo e apoio dado ao longo de minha caminhada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a DEUS por ter me proporcionado o dom da sabedoria e me permitido tornar, mais um dos meus sonhos realidade.

À minha família, em especial aos meus pais e meu irmão, por sempre estarem me incentivando e dando apoio para que eu não desistisse e enfrentasse a longa e árdua caminhada até a conclusão do curso. Aos meus pais pelo amor incondicional, pelo carinho, pelo incentivo nas horas de cansaço/desânimo. À vocês meus pais, meus Super Heróis que apesar de todas as dificuldades me ampararam e foram essenciais para a conquista de mais esta vitória, vocês são muito importantes para mim. Obrigada, Amo Vocês.

Aos meus amigos / irmãos de faculdade Almir, Leila, Kelli, Nandara, Dâmaris, Amilton, Joyce, por estarem ao meu lado enfrentando as tensões e angústias que surgem durante a graduação. Pelo companheirismo e ajuda prestada ao longo desta caminhada. Obrigada, pelos inúmeros conselhos e palavras de estímulo, pelas intermináveis conversas que nos proporcionavam forças para seguir. À vocês meus amores, Muito Obrigada.

A todos os professores da graduação por dividirem, comigo e com a turma, os seus conhecimentos nos proporcionando a oportunidade da aprendizagem. Não somente pelo conhecimento compartilhado mas também pela amizade que nasceu e espero que dure por muitos anos. Obrigada a todos, vocês são e serão minhas inspirações para seguir nesta jornada.

Aos meus orientadores e também realizadores deste sonho, Profa. Dra. Marinei Almeida e Prof. Me. Epaminondas M. Magalhães, por terem aceitado me auxiliar na discussão deste tema, suas orientações me permitiram escrever de forma segura a respeito de meu tema. Obrigada por me entenderem quando sumi e por terem compreendido meus limites e me auxiliado sempre com brilhante sabedoria que foi imprescindível para a elaboração deste trabalho. Obrigada.

À aquelas pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para que eu fosse adiante, seja com palavras de apoio ou com palavras desanimadoras. Aqueles que não acreditaram em meu potencial, obrigada, pois hoje mostro que fui e sou capaz de chegar onde quero e realizar meus sonhos.

Enfim, aqui se encerra mais uma etapa especial em minha vida. Sinto a sensação de dever cumprido e uma imensa alegria por chegar até aqui. Peço

desculpas se esqueci de aqui mencionar pessoas que contribuíram para a minha formação acadêmica, saibam que sou imensamente grata a todos vocês sejam amigos, colegas, familiares e demais pessoas que fazem/fizeram parte da minha vida. OBRIGADA!

RESUMO

Este trabalho monográfico propõe uma discussão a respeito da transição, a qual meninos e meninas enfrentam ao passar da infância à adolescência. Para discutirmos tal assunto tomamos como objeto de estudo dois contos do autor Sérgio Caparelli “Ana de Salto alto” e “Meg Foguete”. O foco da pesquisa é interpretar e entender de que maneira o autor consegue mostrar a tensão vivida pelas personagens femininas durante a transição da infância à adolescência e por meio dessa compreensão poder associar este fato tratado ficcionalmente à vida real, entendendo o que enfrentam as crianças quando passam por essa fase, levando em consideração que a literatura é uma das formas artísticas de interpretar o real. Cândido(1995) ao falar do papel da literatura afirma que ela “não corrompe, nem edifica.” mas instiga o leitor para que ele possa tomar novos posicionamentos diante das situações que enfrenta.

Palavras-chave: Literatura, infância, adolescência, transição, Sérgio Caparelli.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPITULO I	
NOS (DES) CAMINHOS DA HISTÓRIA DA LITERATURA E DA LEITURA	
INFANTO JUVENIL	11
1.2- A CONSTITUIÇÃO DA LITERATURA INFANTO JUVENIL NO BRASIL	14
CAPITULO II	
DA BONECA AO BATOM: A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA LITERATURA	
INFANTO-JUVENIL	22
CAPITULO III	
ENTRE BATONS E MAQUIAGEM: O ESTILO “CAPARELLI-ANO” E SUAS	
ADOLESCENTES, MEG E ANA	26
3.1-BONECA, BATOM E SALTO: a passagem da menina a mulher em Ana de	
Salto Alto	28
3.2-ENTRE MUROS E AMORES: UM OLHAR SOBRE MEG FOGUETE	36
3.3-CONFLUÊNCIAS: MEG E ANA	40
CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido a respeito da literatura infanto-juvenil, em sua maioria as discussões abordam a seguinte questão: “qual o papel da literatura no desenvolvimento da criança, enquanto ser no mundo? Até que ponto os padrões sociais comportamentais apresentados nas obras podem influenciar na constituição das crianças enquanto seres humanos?”

Essas inquietações permearam a presente pesquisa, visto que nos pautamos por dois contos como *corpus* específico da obra de Sérgio Caparelli: *Meg Foguete* e *Ana de Salto Alto*, a fim de averiguarmos a constituição da personagem feminina nessas obras.

Com isso identificamos de que maneira a literatura auxilia na construção da criança enquanto ser, observando a transição da infância à vida adulta vivida por personagens femininas, nas obras já mencionadas de Sérgio Caparelli.

Para a realização deste trabalho tivemos como apoio estudos críticos realizados por autores como Regina Zilberman, Marisa Lajolo, Afrânio Coutinho e tantos outros que nos auxiliaram para a compreensão do papel da literatura na formação das crianças e adolescentes enquanto seres sociais, além disso nos orientou a compreender como os contos escritos por Caparelli conseguem retratar e transmitir as angústias e tensões vividas por seu público alvo, o público infanto-juvenil.

No primeiro capítulo traçamos um panorama da literatura infanto-juvenil, focando a trajetória da literatura infanto-juvenil no Brasil. No segundo capítulo buscamos discutir a representação da mulher, da figura feminina, na literatura infanto-juvenil. Já no terceiro capítulo focamos na análise dos contos, *corpus* dessa pesquisa, “Ana de salto alto” e “Meg Foguete”, de Sérgio Caparelli.

CAPITULO I

NOS (DES) CAMINHOS DA HISTÓRIA DA LITERATURA E DA LEITURA INFANTO-JUVENIL

O importante é as crianças irem até lá, vasculhar, procurar, mexer, conhecer o que existe ter sua curiosidade satisfeita, a vontade de ler aquele livro, de ficar mais tempo relendo aquele poema, de olhar bem olhado uma ou outra ilustração, ou de fechar rapidamente a capa dum que pareceu desagradável ou boboca, ou dar uma olhada em alguns parágrafos e verificar que não despertam mesmo nenhuma vontade de conhecer o livro por inteiro (ABRAMOVICH, 1993 p. 150-151).

A partir do século XVIII, com a ascensão da burguesia e a Revolução Industrial, significativas mudanças com relação aos valores da sociedade foram surgindo uma dessas mudanças era a preocupação com as crianças que até então eram tidas como adultos “reduzidos”, as quais tinham as mesmas obrigações que os adultos. Desde então, a criança passou a ser vista com outros olhos, passou-se a perceber que ela tem características e necessidades diferentes as de um adulto, sendo dada mais atenção e importância tanto na relação com a integridade física da criança, quanto também atenção a formação psíquica delas.

Com o marcante acontecimento da Revolução, a sociedade passou por muitas mudanças tanto no âmbito das evoluções tecnológicas – científicas, mas, também, no âmbito sociocultural em que pode-se notar o maior acesso da sociedade, como um todo, ao saber, a leitura. Nas escolas a leitura era usada para intermediar a relação entre as crianças e a cultura. Foi por meio disso que as escolas puderam proporcionar às crianças a “porta de abertura para o universo”. Ao longo destas mudanças, podemos citar Jean-Jacques Rousseau que exerceu grande influência sobre os livros infantis escritos no século XIX, ele apresentava a princípio o crescimento normal da criança, mas foi mal interpretado por alguns escritores e educadores da época que atribuíram a literatura infantil princípios moralizantes e carregaram-na de informações escolares.

Essas narrativas tinham um caráter pedagógico com o intuito de “educar” as crianças e ficaram conhecidas como Conto de Fadas. Seu conteúdo, como dito anteriormente, tinha o intuito de “educar” por meio de castigos e exemplos que eram mostrados nas narrativas. Podemos aqui citar alguns contos que atualmente são muito famosos: A Branca de Neve, João e Maria e Os Músicos de Bremen, escritos pelos alemães Jacob e Wilhelm Carl Grimm, não nos esquecendo de O Patinho Feio e O Soldadinho de Chumbo do dinamarquês Hans Christian Andersen, entre outros que marcaram o novo gênero nos séculos XVII, XVIII e XIX .

Como obras que facilmente foram aceitas pelas crianças, tais autores transformaram em textos contos de fadas que tinham origem de uma literatura popular, vinda da oralidade. Sabemos que até os dias atuais tais contos ainda despertam a curiosidade de muitas crianças que tem o acesso a eles. É por meio das aventuras, fantasias, medos e suspenses que o interesse por essas narrativas ocorre. Sejam os contos “antigos” ou contemporâneos sempre há algo que desperta o interesse, a atenção do leitor/ouvinte na narrativa:

As crianças continuam interessadas no mistério; se ele se empobrece, elas o reinventam. Da mesma forma, são fascinadas por tudo o que desperte nelas a vasta gama de sentimentos de medo. O medo é uma das sementes privilegiadas da fantasia e da invenção; grande parte dele provém das mesmas fontes do mistério e do sagrado. [...] As crianças procuram o medo. As histórias infantis incluem sempre elementos assustadores que ensinam os pequenos a conhecer e enfrentar o medo. Curiosos e excitados, os pequenos exigem que os adultos repitam varias vezes as passagens mais amedrontadoras dos contos de fadas. (KEHL, 2006, p.16)

Ao longo dos anos na Europa o acesso ao ensino foi tornando-se mais fácil dando então a oportunidade de acesso à literatura às pessoas. Neste período, a literatura continua com o caráter moralizante que procurava auxiliar na formação psicológica das crianças, ao prepará-las para a vida. Porém, no século XIX notava-se que não haviam muitos livros que tratassem da transição da infância para a vida adulta, é perceptível que essa transição passasse quase que despercebida. Até meados do século XX nota-se que a literatura que era disponível a este público era a literatura de cunho voltado aos adultos, que muitas vezes eram oriundas de adaptações ou traduções de famosas obras da época.

No decorrer de longos anos, verifica-se que a literatura infantil sofreu diversas transformações devido ao surgimento de inúmeros novos autores e também livros voltados a esse público. Porém, sabemos que esse surgimento não nos garante boa qualidade na literatura que é proporcionada a eles. É grande a preocupação com relação à produção literária voltada a nossas crianças, pois é de maneira incontrolável que surgem textos voltados a esse público o que acaba repercutindo certamente no surgimento de novos leitores e novos perfis de leitores.

Outra questão que deve ser pensada, quando tratamos da literatura infanto-juvenil está relacionada ao público leitor. Há um engano restringir que a literatura infanto-juvenil esteja estritamente direcionada ao público infantil e juvenil, uma vez que mesmo que os olhos voltam-se para esse público, o texto burla essa restrição e, pode e deve ser lido por leitores adultos, uma vez que as descobertas e as inquietações lançadas vão muito além do universo infantil e juvenil, simplesmente.

1.2- A CONSTITUIÇÃO DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL NO BRASIL

Falando a respeito da literatura brasileira é possível observar que ela tem ligações originárias com a literatura européia, assim como ZILBEMAN e LAJOLO (1993) mencionam “[...] o início da literatura brasileira fica marcado pelo transplante de temas e textos europeus adaptados à linguagem brasileira.” (1994, p. 17). Segundo as autoras essa adaptação da literatura infantil européia a realidade linguística brasileira indica o movimento de nacionalização a qual se insere a literatura brasileira voltada para crianças, a partir disso pode ser observada que o processo de nacionalização da literatura acaba por se transformar em nacionalismo.

Há que se destacar ainda que outras literaturas estrangeiras influenciaram o surgimento da literatura brasileira, a literatura indígena e africana, por serem advindas da literatura oral, que eram passadas de geração a geração. Inicialmente, as literaturas que foram trazidas ao nosso país, surgiram com os primeiros colonizadores. Essa literatura, a oral, era narrada pelos avós que distraíam as crianças com histórias relacionadas a seu povo, o folclore português e também histórias de origem negra que narravam a trajetória de seu povo. O contato com essa diversidade de culturas, destacando aqui a cultura indígena, trouxe à nossa história literária, inúmeras figuras que enriqueceram o imaginário cultural do Brasil até os dias de hoje. Alguns exemplos são: Iara e o Minhocão.

Na época, na literatura formal, era predominante a tradução de grandes clássicos da literatura estrangeira, nesse contexto que a literatura brasileira surgiu

Ela não teve origem popular, nem aparecimento espontâneo: seu surgimento foi induzido, patrocinado pelos autores que escreveram livros para crianças no período de transição entre os séculos XIX e XX. (LAJOLO e ZILBERMAN, 1993, p. 61)

Em 1808, no Brasil, aparecem as primeiras publicações de livros voltados ao público infantil, esse marco deve-se a implantação da imprensa Régia. A literatura infantil brasileira veio surgir, de fato, ao final do século XIX, com Monteiro Lobato. Mesmo com tais acontecimentos o acesso a obras infantis era irregular. A circulação e o acesso aos livros eram na época precárias. Eram poucos que tinham o privilégio de ter contato com o conhecimento literário.

No Brasil, os laços entre a literatura infanto-juvenil e a escola estavam

intimamente ligados. Tanto que os textos, até então publicados, em especial, nos manuais didáticos, tinham como base o modelo pedagógico. Segundo Cunha (1987), “no Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo, adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias” (1987, p. 20).

Desse movimento, podemos destacar a produção infantil de Olavo Bilac, uma vez que os textos voltados para o público infanto-juvenil eram encomendados pelo Governo para comporem os livros didáticos e, portanto, deveriam ter um caráter moralizante. Como exemplo desse tipo de texto, lançaremos o poema *A casa*, de Olavo Bilac em que, diferentemente, do texto *A casa*, de Vinicius de Moraes, que traduz liberdade e imaginação, o poema de Bilac reflete a visão da casa e da família como proteção e que a criança deve respeitar sua família.

Vê como as aves tem, debaixo d'asa,
O filho implume, no calor do ninho!...
Deves amar criança, a tua casa!
Ama o calor do maternal carinho!
Dentro da casa em que nasceste és tudo...
Como tudo é feliz, no fim do dia,
Quando voltas das aulas e do estudo!
Volta, quando tu voltas, a alegria!
Aqui deves entrar como num templo,
Com a alma pura, e o coração sem susto:
Aqui recebes da Virtude o exemplo,
Aqui aprendes a ser meigo e justo.
Ama esta casa! Pede a Deus que a guarde,
Pede a Deus que a proteja eternamente!
Porque talvez, em lágrimas, mais tarde,
Te vejas, triste, desta casa ausente...
E, já homem, já velho e fatigado,
Te lembras da casa que perdeste,
E hás de chorar, lembrando o teu passado...
Ama, criança, a casa em que nasceste!
(BILAC, *A casa*)

Neste mesmo período, final do século XIX, inúmeros elementos convergem para a formação da imagem do Brasil enquanto o país que passava por um processo de modernização. Alguns desses elementos marcantes foi a extinção do trabalho escravo e a diversificação da população urbana. Visto o crescimento dessa população urbana começam a surgir a existência de um público mais expansivo e automaticamente consumidor de bens culturais. Esse bem cultural é o saber, obtido

por meio da leitura que passa a ter grande importância e influência no processo de modelo social que se impunha na época, levando a escola ter papel fundamental na transformação da sociedade em seu sentido amplo.

Segundo Lajolo e Zilberman (2002), nesse período a burguesia se consolidou como classe social, incentivando que instituições trabalhem a seu favor:

A primeira dessas instituições é a família.[...] A manutenção de um estereótipo familiar, que se que se estabiliza através da divisão do trabalho entre seus membros (ao pai, cabendo a sustentação econômica, e à mãe, a gerência da vida doméstica privada), convertendo-se na finalidade existencial do indivíduo. [...] A segunda instituição convocada a colaborar para a solidificação política e ideológica da burguesia é a escola. [...] tornando-se a partir de então, imprescindível no quadro da vida social. (2002, p.17)

Com tal crescimento surge também a preocupação relacionada a grande carência ao acesso que as crianças devem ter a esse material cultural. Na época, as obras que mais circulavam eram as adaptações e traduções dos clássicos infantis europeus que em sua maioria circulavam em edições portuguesas cujo idioma era diferenciado da língua portuguesa brasileira. Junto a necessidade da introdução da linguagem brasileira surge também a inserção das crianças a esse mundo cultural e automaticamente surge de fato a literatura infantil brasileira.

Pode-se dizer que de maneira direta os processos de modernização e o modernismo que ocorriam no país determinaram o processo de produção da literatura no Brasil. Como dito anteriormente, alguns fatores sociais influenciaram para o seu surgimento do gênero no país. A literatura infantil, assim como outros gêneros sentiu esse processo ao longo das três primeiras décadas do século XX.

Neste período, as editoras começaram a incentivar o aumento desta produção literária voltada ao público infantil. As produções da época tinham como estilo e temas principais a valorização do tempo presente, da cultura nacional e também da oralidade que como já sabemos era característica presente em alguns textos voltados ao público adulto.

Marco importante da literatura infantil brasileira é a produção literária de Monteiro Lobato que investiu tanto na produção de obras como também na divulgação das mesmas fundando editoras e contribuindo para a renovação da estilística da literatura infantil e também para a modernização editorial do Brasil.

Imbuído de seu projeto de construção de uma literatura que valorizasse a imaginação infantil no Brasil, em 1921, Monteiro Lobato publica *A menina do nariz arrebitado* inaugurando a nova estética da literatura infantil no Brasil. Mesmo que o livro ainda estivesse encomendado para a leitura escolar, Lobato conseguiu distanciar-se da visão estritamente pedagógica, isso se deve a uma mistura de valores dentro da obra.

O apelo à imaginação em harmonia com o complexo ecológico nacional; a movimentação dos diálogos, a utilização ampla, o enredo, a linguagem visual e concreta, a graça na expressão – toda uma soma de valores temáticos e lingüísticos que renovava inteiramente o conceito de literatura infantil no Brasil, ainda preso a certos cânones pedagógicos decorrentes da enorme fase da literatura escolar. (ARROYO 1968, p.198)

O que se nota nas obras de Lobato é inovação no nível da linguagem sem rebuscamentos, o discurso era marcado por espontaneidade. No aspecto ideológico observa-se que o conjunto de idéias ficcionais que atraíam o leitor basicamente ao ver a realidade por meio de conceitos próprios. Isso ocorre, pois por meio de seus textos Lobato consegue incitar o senso crítico, apresentando problemas sociais, políticos, econômicos e também culturais nas quais suas personagens passavam e abordavam discussões que eram vistas criticamente.

Nesse sentido, podemos constatar que Lobato inova na produção das obras literárias e rompe com a tradicional postura pedagógica imposta pelos modelos literários tradicionais. Essa inovação ocorre por meio desse rompimento com as tradicionais e também pela criação de novas expectativas literárias propostas por Lobato.

Contudo, devemos considerar que Lobato é um caso atípico no cenário infanto-juvenil do início do século XX, uma vez que mesmo após a Semana de Arte Moderna em 1922 e com a abertura para a produção infanto-juvenil e com os novos paradigmas da Escola Nova, a produção voltada para criança ainda traziam o apelo moralizante e pedagógico, visto que:

Os livros para crianças foram profunda e sinceramente nacionalistas, a ponto de elaborarem uma história cheia de heróis e aventuras para o Brasil, seu principal protagonista. Da mesma maneira, eles se lançaram ao recolhimento do folclore e das tradições orais do povo,

com interesse similar as das escolas de samba, ao pesquisar os enredos para os desfiles. Porém, visando contar com o aval público adulto, a literatura infantil foi preferencialmente educativa e bem comportada, podendo transitar com facilidade na sala de aula ou, fora dela, substituí-la. (LAJOLO E ZILBERMAN,1998,p. 54).

A partir da década de 40 até a 60, a literatura infantil brasileira passou por uma fase de fertilidade. Esta fase se representa pelo desenvolvimento do que concerne a elaboração destes textos. Nesse período, ocorre a profissionalização dos autores, especialização das editoras e escritores e ocorre também a grande expansão do público leitor.

O grande sucesso conquistado neste âmbito resultou no conflito da situação literária, que de um lado estava a evolução da parte editorial do Brasil e de outro lado ocorre o surgimento de obras repetitivas que tinham como temas principais o meio rural, a figura do homem bandeirante, os índios, os mitos da Amazônia entre outros temas que acabavam por entravar as renovações temáticas do gênero.

Algo notadamente importante que podemos ressaltar é a forte presença de culturas estrangeiras que marcavam as obras da época, em especial a cultura norte americana que tinha como marca a reprodução de uma ideologia progressista. Em contraponto a literatura infantil conseguiu reforçar-se com a diferenciação relacionada aos demais gêneros a qual era associada a uma cultura de massa por meio de uma tentativa de adequação a alguns padrões internacionais impostos na época.

Da mesma forma que no mundo moderno a cidade é, por excelência, o espaço onde eclodem conflitos sociais e individuais, crises e desajustes, é lá também o espaço privilegiado da produção e consumo da cultura de massa, com a qual a literatura mais contemporânea guarda não poucos pontos de contato. A simbiose entre a literatura e a cultura de massa não afeta apenas suas formas de produção e circulação, como, no caso da literatura infantil, sugere a regularidade de lançamentos, a redundância de temas, a proliferação de séries que trabalham sempre no mesmo horizonte de expectativa dos leitores, a destinação prévia de cada texto a esta ou àquela faixa-etária ou à discussão deste ou daquele tema. Além disso, a literatura infantil manifesta alguns procedimentos de composição que, diluindo e rebaixando o padrão culto no qual eventualmente se espelham, acabam por configurar os riscos de massificação dos livros para crianças: os ganchos narrativos ingênuos, a menção a personagens divulgadas por best-sellers e revistas, a alusão a fatos verídicos e contemporâneos veiculados pelo noticiário de jornal. (ZILBERMAN E LAJOLO, 1986, p. 84)

Já a literatura adulta se destaca pela produção a um público mais restrito, sendo voltada, mais especificamente, a um público com qualidades culturais mais reforçadas e evidentes diante da sociedade.

Generalizando, a literatura voltada ao público jovem desta década foi marcada e caracterizada pela temática do nacionalismo. Além de não abandonar o tradicional patriotismo também não deu lugar a expressões de cunho popular nem rompeu as ligações que as denominavam como tal literatura. Sendo assim, essa literatura foi apresentada em sentimento de liberdade para copiar processos culturais de massa que a beneficiaram e que também correspondiam a um padrão de qualidade exigido pelo mercado literário da época.

As décadas seguintes de 60 a 80 apontam para a consistência do gênero da literatura infantil tanto no âmbito de produção quanto no consumo. Isso pode ser observado em âmbitos gerais como também nas formas e conteúdos dos livros produzidos na época.

Podemos destacar que os principais aspectos é a nova maneira de compor os personagens e também os enredos. Neste período, os enredos incorporam a temática urbana, vindo propor a fusão entre o social e o individual. Apresenta-se, também, a valorização da linguagem oral fazendo com que o discurso deixe de ter modelo imposto pela estilística e passe a incluir traços metalinguísticos e intertextuais. Nesse processo, surge a fragmentação das narrativas, a participação do leitor e também o rompimento com a sequência linear sendo caracterizada pelo fluxo de consciência.

Fiel, assim como suas origens, a literatura infantil brasileira apresentou-se com destinação a área pedagógica infantil. Porém, a legislação visava apenas a adoção da literatura como sugestão de aproveitamento escolar dos textos deixando de dar o devido valor que a mesma expressa. Os reais valores apresentados pela literatura acabaram por ficar ocultos com a maneira que a literatura era abordada na sala de aula, de certa maneira ela era estudada mais diretamente relacionando-a à estética literária da época a qual o texto literário abordado pertencia. Segundo Zilberman (1985) mesmo na atualidade, dado a tradição pedagógica que acompanha o texto infanto-juvenil, ainda encontramos textos, com esse caráter pedagógico.

Os primeiros textos para crianças são escritos por pedagogos e professores, com marcante intuito educativo. E, até hoje, a literatura infantil permanece como uma colônia da pedagogia, o que lhe causa grandes prejuízos: não é aceita como arte, por ter uma finalidade pragmática; e a presença deste objetivo didático faz com que ela participe de uma atividade comprometida com a dominação da criança. (ZILBERMAN, 1985, p. 13-14)

A partir da década de 70, nos textos literários voltados as crianças predominaram uma concepção de discurso que se baseava em agir diretamente sobre o leitor. Neste período, a preocupação literária estava voltada a uma concepção pedagógica em que assumiu uma feição classista em que o narrador era como um professor e o leitor o aluno. Esse princípio pedagógico marcou a literatura infantil desde o seu surgimento na Europa em meados do século XVIII. Durante esse longo período de transformações, inicialmente, como não haviam obras destinadas especificamente ao publico infantil, as obras clássicas eram escolhidas e apresentadas às crianças para auxiliar a sua formação moral, “[...] tratava-se de dotar o jovem com textos condizentes as necessidades de sua formação.” (ZILBERMAN, 1994, p.53)

Pensando na problemática, na questão da literatura auxiliar na formação da criança e também dos jovens, a escola tem como principal papel formar o leitor e ao livro foi atribuída a função de mediar o conhecimento, o conceito de cultura que integra a literatura acaba por deformar-se, pois as escolas não atribuem o devido valor aos textos literários, dando lugar ao surgimento de conceitos de que a cultura é expressa por uma só verdade relacionada a uma determinada camada social fazendo os leitores pensarem que a solução para variados problemas sejam orientados por essa visão única. A esse modo surgem textos que aparentemente dão conta das diferentes representações sociais apresentadas por meio dos textos, dando origem a chamada literatura de massa.

Conforme proposto por Albino:

[...] o texto literário é plurissignificativo e sua riqueza polissêmica é um campo de plena liberdade para o leitor, proporcionado-lhe prazer, por mobilizar mais intensa e inteiramente sua consciência, sem obrigá-lo a manter-se restrito as amarras do cotidiano. (2001, p.18)

Enfim, por meio desta citação, podemos então perceber que segundo Albino (2001) o verdadeiro texto literário, propõe ao leitor a liberdade de preencher, de acordo com suas expectativas, as lacunas encontradas por ele no decorrer da leitura do texto literário. Sendo assim, entendemos por texto literário nos permite enquanto leitores, um universo de informações nos levando a participar de maneira ativa na construção do saber e da realidade concreta.

Ainda segundo Coutinho (1978)

A Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as fôrmas que são os gêneros e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferentes dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social. (1978, p. 9)

Portanto, Coutinho (1978) destaca que toda e qualquer forma de literatura busca tem um único objetivo, que é a busca pela transfiguração do real. Assim, literatura infanto-juvenil é literatura, não se configurando como menor.

CAPITULO II

DA BONECA AO BATOM: A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Só enriquece quem adquire conhecimentos. A verdadeira riqueza não está no acúmulo de moedas - está no aperfeiçoamento do espírito e da alma. (...) A verdadeira riqueza não é a do bolso, é a da cabeça. E só quem é rico de cabeça (ou de coração) sabe usar a riqueza material formada por bens ou dinheiro" – Monteiro Lobato, em Fábulas. Frase de Dona Benta.

Qual era o perfil da mulher traçado pela sociedade burguesa do século XVIII? Podemos pontuar que em geral a mulher tinha características limitadas. A mulher era vista como um ser sensível, paciente, humilde, bela e outras mais características que a sociedade esperava que as “mulheres de família” deveriam ter. Neste século, o casamento que era arranjado aos poucos estava sendo substituído pelo casamento por amor, nestas uniões o que ganhava maior destaque para a sociedade era a fidelidade e a castidade, as quais as mulheres davam a maior importância. Para esta sociedade, a mulher era a rainha do lar, mãe e esposa dotada de virtudes e que também tinha a função de procriar e preparar seus filhos para serem homens de bem.

[...] não era mais o bastante que as mulheres soubessem apenas dirigir e governar os escravos. Tornava-se necessário, diria até imperioso, que as mulheres soubessem ler, escrever, conversar, que conhecessem ao menos, por informação, um pouco do mundo situado além dos muros de suas casas e das paredes da paróquia mais próxima. Em outras palavras, era necessário educar e cultivar as jovens. (MANOEL, 1996, p. 22)

Com o surgimento da industrialização, alguns trabalhos que eram da responsabilidade da mulher passaram a serem produzidos pelo setor industrial deixando de ser algo obrigatório a ser realizado pela mulher. Neste período era a responsabilidade dos homens sustentarem a casa e também sua mulher, pois a ela qualquer tipo de atividade que não fosse relacionada a casa era considerada indigna. Para as mulheres havia apenas o papel de esposas e donas de casa. A elas bastaria apenas estudarem coisas básicas como artes, trabalhos artesanais e música.

A elas, mulheres burguesas, cabiam as leituras de romances com os quais preenchiam suas vidas quase vazias. Nestes romances, as heroínas transmitiam a feminilidade por meio dos comportamentos dóceis apresentados nos enredos. Além dos romances as mulheres tinham, também, acesso a outros tipos de publicações como manuais de conduta e algumas revistas que tinham como assuntos principais ensinar as boas maneiras as mulheres, donas de casa e também mães dedicadas.

[...] É verdade que, desde o Decreto de 15 de outubro de 1827, o governo imperial havia estabelecido um currículo não

profissionalizante para a educação feminina, voltado para a formação de donas-de-casa, composto das seguintes disciplinas: leitura, escrita, quatro operações, gramática, moral cristã, doutrina católica e prendas domésticas. (MANOEL, 1996, p. 23)

Tais textos tinham, em sua grande maioria, princípios feministas elaborados pelos homens revelando então o ideal feminino por meio das visões masculinas as quais determinavam as atividades que as mulheres podiam exercer sem invadir o espaço masculino. Uma das atividades que não eram destinadas a mulher, segundo a visão masculina da época, eram os estudos literários. Para eles a mulher não tinha o dom do exercício mental e, portanto, somente eles conseguiriam compreender a leitura literária. A elas restava realizar leituras que faziam referência ao amor, a religião, a seu papel como dona de casa, enfim tudo que estivesse relacionado ao mundo familiar. Essas leituras, segundo a visão da sociedade, eram apenas para que a mulher pudesse distrair e se emocionar sem a necessidade de melhor compreensão do enredo.

O romance conseguiu fazer sucesso entre as mulheres, o gênero era tão lido pelas mulheres e moças que surgiram discussões a respeito. Tais discussões indagavam até que ponto o gênero era de fato didático, havia também os que afirmavam o gênero era capaz de causar dano ao intelecto feminino. Desde então, passaram a ter mais cautela aos romances ofertados à classe feminina.

Com o passar do tempo, foi possível perceber que as mulheres formavam um público que não poderia ser totalmente ignorado. Dessa maneira, surgiram novos tipos de romances para que as mulheres pudessem ler. Tais romances tinham uma certa leviandade, tudo para que as mulheres pudessem ler sem ter a necessidade de aprofundamento a leitura. Essas leituras objetivavam manter e manusear os padrões sociais impostos na época. A visão masculinizada de que a mulher era um ser intelectualmente inferior a eles, fazia com que se tivesse uma visão, a respeito da classe feminina, com sendo românticas, e que entre os devaneios fictícios nos romances que liam elas seriam capazes de confundir a realidade com a fantasia.

Em meio à literatura “rasa”, destinada ao público feminino, as mulheres assim mesmo conseguiram aproveitar e “saborear” os prazeres e as sensações que literatura é capaz de proporcionar e provocar ao leitor. Elas conseguiram refletir, relembrar e até mesmo entender e solucionar problemas pelos quais passavam, tornando-a assim capaz de impedir o domínio de outros sobre seus pensamentos. A

partir daí, algumas mulheres conseguiram ousar passando por cima das idéias machistas da sociedade e se aventuraram ao mundo da escrita. Esta ousadia permitiu a essas corajosas mulheres posicionarem-se em oposição às idéias de sua inferioridade intelectual em relação aos homens.

Não se sabe ao certo, nem com exata precisão, quando as mulheres surgem no decorrer do gênero literário, mas sabe-se que foi por meio de iniciativas ousadas de mulheres corajosas que as mudanças iniciaram-se. Nos séculos seguintes as mulheres ainda continuam passando por dificuldades para fazer parte do mundo da leitura literária. Com o passar dos anos, movimentos feministas formaram-se com o intuito de criar condições favoráveis para as mulheres perante a sociedade.

Observando os princípios que regem a sociedade da época, é possível notar que tais princípios eram patriarcais os quais tem em ênfase os direitos dos homens e acabavam por estabelecer formas de domínio masculino nos diversos segmentos sociais. Destaquemos esse domínio masculino no campo da literatura, pois neste a ideologia reproduzida era em sua grande maioria de autoria masculina, sempre deixando a mulher como ser inferior e destinada a função reprodutora da espécie.

Podemos observar que ao longo de todos esses anos, papel exercido pela mulher não só na sociedade, mas também na literatura, como um ser submisso ao mundo masculino. Alguns contos clássicos nos mostram de maneira clara a submissão a qual as mulheres se submetiam, não deixando de fazer ênfase ao sistema patriarcal imposto pela sociedade.

Como já mencionado anteriormente, a literatura passou por diversas mudanças ao longo dos anos. Sabemos que atualmente as personagens, em especial da literatura infantil, tem a autonomia da fala. Elas falam o que pensam, o que passam e o que sofrem, elas conseguem dialogar consigo e também com os demais personagens. Como chave desse processo de diálogo se tem a fase das descobertas do mundo infantil, as descobertas dos saberes. Essas descobertas revelam imagens da criança, seus sentimentos (medo, alegrias, dor, sofrimento) vivendo a realidade da vida por meio de sonhos e fantasias. Com isso cabe ao autor; apoiado pela estética da literatura, a linguagem estética, transformar esse misto de sensações, situações de descoberta em algo que toque o leitor que o faça refletir a respeito do mundo infantil levando-o ao encontro do mundo imaginário.

CAPITULO III

ENTRE BATONS E MAQUIAGEM: O ESTILO “CAPARELLI-ANO” E SUAS ADOLESCENTES, MEG E ANA

– A vida, senhor Visconde, é um pisca-pisca. A gente nasce, isto é, começa a piscar. Quem pára de piscar chegou ao fim, morreu. Piscar é abrir e fechar os olhos – viver é isso. É um dorme e acorda, dorme e acorda, até que dorme e não acorda mais [...] A vida das gentes neste mundo, senhor Sabugo, é isso. Um rosário de piscados. Cada pisco é um dia. Pisca e mama, pisca e brinca, pisca e estuda, pisca e ama, pisca e cria filhos, pisca e geme os reumatismos, e por fim pisca pela última vez e morre. – E depois que morre?, perguntou o Visconde. – Depois que morre, vira hipótese. É ou não é?"- Monteiro Lobato.

Natural de Uberlândia-MG, Sergio Capparelli é graduado em jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1970) cursou doutorado em Ciências da Comunicação pela Université de Paris II (1980) e pós-doutorado pela Université de Grenoble (1987-1988). Escreveu mais de 30 livros publicados e voltados especialmente ao público infanto-juvenil. Ganhou vários prêmios, entre eles foram quatro vezes o prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, três vezes de literatura e uma vez de ensaio em Ciências Humanas.

Em suas obras Capparelli consegue revelar a interiorização das tensões e questões vividas pelas crianças, retratando isso em suas personagens infantis e adolescentes. É por meio dessas inquietações que as complexidades, as ações, os pensamentos, enfim os questionamentos do mundo infantil podem ser identificados ao longo da leitura de seus contos. É por meio da leitura que as inquietações infantis são descobertas e compreendidas.

Para Eichenberg:

O pensamento concreto e animista do leitor mirim permite que o escritor crie analogias em suas histórias, partindo da superposição de imagens e idéias, com relações de causa e efeito bem simplificadas. Considerando que a criança evolui tais relações em sua mente, uma das maiores riquezas das narrativas infantis é a de ajudá-la a ordenar seus sentimentos e a compreender o mundo a partir de uma linguagem que seja compatível com a sua lógica. (2009, p.10)

Seguindo essa linha de pensamento podemos dizer que a literatura, permitindo ao autor essa criação das analogias, é a combinação perfeita para o auxílio da compreensão de mundo que a criança passa e busca no decorrer de sua vida. Com isso observamos que Capparelli tem uma visão abrangente com relação ao desenvolvimento infantil ao adequar em suas obras questões que estão relacionadas a criança e suas inquietações. Dessa forma, ao propor a analogia entre real/ficção que o autor consegue chamar a atenção de seus leitores para a leitura.

Observa-se nas obras de Capparelli a importância dada às questões infantis, ele consegue transmitir os anseios pelos quais as crianças passam e os reconhece, dessa forma, sua sensibilidade para com o mundo infantil por meio de sua escrita. Com sua literatura, Capparelli consegue fazer com que o leitor questione e reflita a respeito da leitura, pensando dentro dos conceitos apresentados em cada obra.

Essa reflexão permite ao leitor questionar questões relacionadas ao social e históricas que se apresentam e são transportadas para a literatura.

3.1- BONECA, BATOM E SALTO: a passagem da menina a mulher em “Ana de Salto Alto”

O conto “Ana de Salto Alto” narra a história de Ana, uma “mocinha” que ficara em casa sozinha, pois a mãe precisou sair para resolver alguns assuntos, o pai estava viajando e Marquinhos, o irmão, estava na creche. Nesse meio tempo Ana faz uma “viagem” em sua casa, primeiramente física: vê televisão, olha os detalhes da casa até que decide adentrar ao quarto de sua mãe, inicia-se, nesse momento, uma viagem introspectiva, uma vez que a maturação da personagem se dá no exato momento em que ela abre a porta do quarto da mãe. Lá ela deita na cama e fica a observar detalhes do cômodo, ao que decide sentar-se a frente da penteadeira de sua mãe e maquiar-se.

Aqui, cabe-nos, antes de qualquer coisa, estabelecer uma pequena análise acerca do espelho, uma vez que ao se deparar com a penteadeira, a personagem se depara com o espelho que vai lhe mostrar uma nova identidade, pois o espelho instiga a personagem para que ela perceba a necessidade de mudança.

Nos sonhos, um espelho pode simbolizar o poder que tem o inconsciente de “refletir” objetivamente o indivíduo dando-lhe uma visão dele mesmo que talvez nunca tenha tido antes. Só através do inconsciente tal percepção (que por vezes choca e perturba a mente consciente) pode ser obtida — tal como no mito grego onde a repulsiva Medusa, cujo olhar transformava os homens em pedra, só podia ser contemplada em um espelho. (JUNG, 1964, p. 200)

Dessa maneira podemos perceber que ao olhar seu reflexo no espelho, Ana consegue ter uma visão de si nunca vista antes. A nova visão de vida, antes a Ana criança agora diante do espelho Ana mocinha. A visão de uma nova Ana surge a cada detalhe, a cada acessório que ela usa e se observa no espelho e quando acaba de se arrumar nota que esta diferente da garotinha de antes e até pensa: “Se alguém visse, não diria ser ela a menina de poucos minutos atrás, mas alguém muito mais velha, uns onze ou doze anos, no mínimo.” (CAPARELLI, 1981, p. 25)

Depois de ter se maquiado a menina vai até o seu quarto e escolhe seu

melhor vestido e o veste. Mas ainda faltava algo, então a garotinha vai até o quarto de sua mãe e escolhe um sapato, sapato de salto alto e fica impressionada com o tamanho do pé de sua mãe que é do mesmo tamanho que os pés dela. Como acessório, Ana pega uma bolsa de sua mãe e para enchê-la coloca sua boneca de pano, Adélia, dentro. Juntou algumas moedas e saiu a andar pelas ruas de seu bairro. Enquanto andava olhava as vitrines de lojas, parou em uma banca de revistas, mas aqueles sapatos começaram a incomodar, estavam machucando os pés da garotinha. Diante dessa cena, em que Ana veste-se como uma mulher, percebemos que:

Se a imagem da criança é contraditória, é precisamente porque o adulto e a sociedade nela projetam, ao mesmo tempo, suas aspirações e repulsas. A imagem da criança é, assim, o reflexo do que o adulto e a sociedade pensam de si mesmos. Mas este reflexo não é ilusão; tende, ao contrário, tornar-se realidade. (ZILBERMAN, 1994, p. 19)

Ana resolveu então parar em uma sorveteria, o garçom aproximou-se e tomou seu pedido. Ana tomou seu sorvete e após tomá-lo pagou com as moedinhas que havia pego em seu cofrinho. A caminho de casa, lembrou-se que já era hora de sua mãe estar voltando pra casa e então apressou-se para chegar o mais rápido possível. Quando chegou em casa ainda teve tempo de descompor sua produção antes que sua mãe chegasse. Ao chegar, a mãe de Ana deitou-se no sofá e chorando reclamou a ausência do marido e a menina tentava consolá-la, foi até a cozinha fazer um café e quando retorna a sala sua mãe havia descoberto Adélia, sua boneca, dentro da bolsa. Ao contrário do que sempre dizia, a mãe de Ana disse a ela que já estava mocinha para brincar com bonecas.

Como dito anteriormente, uma das características das obras de Caparelli é o reconhecimento das tensões vividas pelas crianças e jovens. Neste conto, podemos perceber que a tensão vivida pela personagem Ana é a passagem da infância à adolescência, a descoberta do mundo adulto, de ser adulta. O enredo se passa no passeio que Ana resolve dar no centro da cidade, passeio este que não foi permitido por sua mãe, pois a menina havia saído de casa escondida. Esse passeio as escondidas que favorece o surgimento da tensão presente no conto. Porém, essa tensão alivia-se a partir do momento em que sabemos que Ana conseguirá chegar em casa antes mesmo que sua mãe. É a partir das ações de Ana que podemos

perceber as mudanças pelas quais ela passa, a transição de pensamentos com relação a ser menina ou ser mulher.

Nesta passagem da narrativa também podemos perceber uma contradição vivida pela maioria das crianças que estão passando por essa fase, a da transição infância/adolescência, é a questão de que a mãe de Ana dizia que ela já estava mocinha para brincar com bonecas, isso nos faz lembrar Klauck (2013) quando cita em sua tese o autor Buckingham, uma vez que a autora menciona a questão de que os pais e professores incitam todos os dias, as crianças, a “crescerem”. Exigem com que elas se comportem de maneira que consideram madura e responsável, porém de outro lado acabam negando a liberdade de fazerem coisas baseando-se na ideia de que ainda são muito crianças para realizar ou apreciar certas coisas. Para tanto, podemos compreender que de certa forma a Infância é inconstante e relativa quando tenta defini-la. Da mesma forma, podemos dizer que a idade adulta é, durante esse período de transição, também uma expressão inconstante ao tentar defini-la. Sendo assim ambas as expressões tem, atualmente, fronteiras não definidas e nitidamente instáveis.

No início do enredo, quando Ana depara-se sozinha em casa e começa a procurar algo para fazer e decide usar as maquiagens de sua mãe, podemos perceber que para ela as coisas típicas de crianças, como brincar com seus brinquedos, bonecas, já não a interessam mais:

Sentou-se na banquetta, diante da penteadeira, e se olhou no espelho. Abriu a seguir a caixinha de pó. Bateu de leve a almofadinha empoadada nas macas do rosto. Achou-se engraçada. Abriu a caixinha de rímel e escureceu os cílios. Entre as sombras, escolheu a mais brilhante, um azul tendendo ao cinza. Ia passando devagar, e observando no espelho o efeito de cada gesto. (CAPPARELLI, 1981,p 24)

É por meio desse brincar com as coisas de adulto que Ana, sendo apenas uma criança, consegue dar asas a sua imaginação se enfeitando para brincar de ser mocinha, de ser mulher. Com esta ação da personagem, podemos perceber junto com ela a sua “transformação”, quando o narrador menciona “[...] observando no espelho o efeito de cada gesto.”

É por meio desse olhar no espelho que a garota passa a perceber sua transformação de menina a mocinha/mulher. Um detalhe importante a ser destacado

nesta passagem é quando Ana coloca os sapatos da mãe, os de salto alto. De início ela precisou apoiar-se para dar os primeiros passos de salto, mas logo pegou o jeito e continuou a caminhar. Ao calçar os sapatos, podemos afirmar que é, não só para Ana a personagem da história, mas, também, para muitas garotas que estão tornando-se mocinhas, a elevação do plano criança ao plano moça/mulher. Diante desse ponto de vista, Branchine (2006) destaca o fetiche da mulher e das meninas pelo sapato de salto alto.

Assim o sapato de salto deixa de ser um simples objeto para a proteção dos pés e aumento da estatura, e se torna um símbolo de poder, feminilidade e sedução. Proporciona a quem o usa uma nova postura, mudando, inclusive o centro de gravidade, obrigando o corpo a se reposicionar, distribuindo-se em “S”- sensual, sexual, sedutora, sublime. (BRANCHINE, 2006, p.9)

Estar vestida como uma moça, maquiada, de vestido, usando bolsa e sapatos de salto alto fazem com que Ana aprecie um novo olhar a respeito do mundo ao seu redor. Nos é evidente que Ana não sabe a respeito de toda essa visão, com relação ao sapato de saltos, revelada por Branchine (2006), porém para os leitores mais maduros e conhecedores dessa visão, é possível identificar a ação de calçar os sapatos como o início da transição criança/adulto.

Um novo olhar a faz inserir-se em uma nova visão cultural a seu ver. Sua atenção as vitrines que trazem a amostra coisas do vestuário feminino adulto, na rua enquanto passeava foi elogiada pelo atendente da banca e chamada de mocinha pelo garçom da sorveteria, esse reconhecimento para ela é importante, porém sua mãe até então ainda a considerava uma criança. Ana fantasia ser outra pessoa, faz de conta que é adulta e nesse fazer de conta acaba constituindo, para si, uma nova identidade

O que a criança faz não tem importância: o importante é o que ela vai se tornar por meio do que faz. Mas, o que ela irá se tornar enquanto estiver fazendo essas coisas sem importância? Pois, queira-se ou não, ela se torna algo! A criança, irresponsável, porque ainda em desenvolvimento, aprende a ser fazendo de conta. (FOUCAMBERT, 1994, p. 100)

Relacionando esses fatos com o leitor, é possível afirmarmos que o papel do narrador neste conto é muito importante, pois ele aproxima o leitor a perspectiva da criança, as sensações e tensões vividas por elas. Dessa forma se torna possível, que o leitor infantil consiga identificar-se com a criança personagem da história fazendo-a refletir a respeito dessa passagem da vida infantil a puberdade. Durante a narrativa podemos observar vários detalhes que nos apresentam a transição que Ana esta passando, como quando a garotinha esta acabando de maquiar-se e se recorda de um detalhe:

Faltavam os lábios. Havia muitos batons sobre a penteadeira mas em nenhum momento ela pareceu indecisa. Procurava um batom líquido, que deixava molhados os lábios. Na propaganda da televisão a Bruna Lombardi ficava especial com ele. Passou com cuidado, apertando os lábios um contra o outro para espalhar bem, como fazia a mãe. (CAPARELLI, 1981, p. 24)

Por meio dessa passagem levamos em consideração o que Branchine (2006) destaca ao citar Roland Barthes (2001) acerca da publicidade e propaganda com a maneira e estilo com que as mulheres escolhem para ficarem mais bonitas:

[..]toda publicidade *diz* o produto (é sua conotação), mas *conta* outra coisa(é a sua denotação) , isto é, nas publicidades [...] o que está sendo anunciado é que a consumidora que usar aqueles produtos será reconhecida como feminina, poderosa e sexy. (BRANCHINE, apud Barthes, 2006, p.23)

Pensando por esse viés, vemos que a garotinha Ana se sente influenciada na escolha do batom, não somente por sua mãe, mas também pelo meio midiático o qual ela pode ver que a atriz ficava ainda mais bonito, talvez mais mulher na visão de Ana, usando o batom líquido e brilhante, o qual escolheu para usar em seus lábios.

Podemos dar importância a mais um fato que aponta essa transição que é quando Ana ao pegar a bolsa de sua mãe e percebe que é grande e não conseguiria enchê-la de maneira que não ficasse pesada e decide colocar sua boneca para que a bolsa parecesse estar cheia:

Mais complicado foi conseguir por em ordem a bolsa da mamãe. Estava vazia e bastava pô-la a tira colo para que se dobrasse, como dizendo “estou vazia”. Ana não sabia o que colocar dentro, algo que não pesasse muito e ao mesmo tempo desse a impressão de que estava cheia. Os dois cinzeiros estavam fora de questão: além de pesarem, poderiam deixar cheiro de cinza dentro da bolsa. E a mamãe detestava cheiro de fumo. Vivia brigando com o papai. Tinha razão, ela, porque aqueles seus charutos fedorentos depois do almoço davam náusea. Estava ficando ansiosa com a falta de uma solução. Ia da sala ao quarto, do quarto a cozinha, da cozinha à dispensa, até que achou Adélia, sua boneca de pano, sobre a cama. Experimentou. A bolsa parecia cheia e não pesava. (CAPPARELLI, 1981, p. 25)

Colocar a boneca dentro da bolsa, como se pode observar no trecho acima, nos remete a idéias de que para Ana o brincar como criança já não a atrai. Esconder, não querer que as pessoas percebessem que a boneca estava dentro da bolsa, marca uma parte dessa transição da infância a adolescência. É também nesse momento que podemos afirmar que Ana está ocultando sua infância, deixando-a de lado e começando a agir como uma adolescente, uma mocinha. Esse ocultamento da infância se caracteriza mais forte quando a garota sente vergonha ao perceber, na sorveteria, que sem querer a boneca estava a amostra:

No movimento com a bolsa, Adélia pôs o pescoço para fora e ia cair no chão quando Ana se deu conta. Enfiou novamente aquela abelhuda para dentro, olhando de lado para ver se alguém havia percebido. O garçom veio. Ana pagou. (CAPPARELLI, 1981, p. 28)

A respeito desse fato, em que a boneca Adélia quase sai da bolsa, podemos interpretar como um momento em que a infância e o mundo adulto estão em conflito representando o momento vivido pela personagem Ana. Esse conflito pode ser reafirmado no trecho do conto: “Ana levou a mão a bolsa. Vai ver a abelhuda queria ver os moços do Café e tinha caído.” (CAPPARELLI, 1981,p.28)ao mesmo tempo que Ana sente-se um pouco constrangida indagando se alguém havia observado que havia uma boneca em sua bolsa, ela também pensa como moça. Neste instante os pensamentos do mundo adolescente e infantil se encontram e aos nossos olhos enquanto leitores reafirmam a transição que a personagem está enfrentando em sua vida psicológica.

No início da narrativa, somos apresentados a uma menina doce e com ares de inocência, como podemos identificar no trecho em que ela deita-se na cama dos pais e faz uma observação, mas não consegue identificar a resposta correta quando

pensa a respeito do barulho que a cama de seus pais fazia enquanto o pai ainda estava em casa:

Apoiando o pé na cama, forçou as molas com as costas. Soltou. Forçou de novo e o balanço no colchão era gostoso. Logo começou a ranger, bastava ir com mais força e mais rápido. Aquele ranger de molas não lhe era estranho. As vezes, acordava de noite e de sua cama ouvia o rangido vindo do quarto. Ficava com medo mas não ousava chamar ninguém. Depois que papai viajou, a cama dormia calada. (CAPPARELLI, 1981, p. 24)

Ao identificarmos a transição que afirmamos ao longo do presente trabalho, podemos dizer que ao fim da narrativa percebemos que Ana já não tem mais essa inocência com relação a vida. Ela já começa a pensar nos garotos e também a ficar pensando nos elogios que recebeu ao caminhar pelas ruas do bairro, com os elogios e comentários feitos a seu respeito Ana lembrou que para sua mãe ela ainda era uma criança, mas para as pessoas que da rua ela já era mocinha. O moço da banca foi o primeiro a elogia-la: “ – Sabe que você é muito bonita! – disse o rapaz.” (CAPPARELLI, 1981, P 26). Logo mais, na sorveteria ao fazer o pedido ao garçom:

- Qual é o preço, moço?
- Cr\$ 25,00.
- Ah, está bem- exclamou, aliviada. – Pago agora?
- Como quiser, mocinha.

O coração de Ana se derretia com aquele *mocinha*. Em casa, vivia a mãe dizendo que ela era ainda uma criança, apesar do pai a achar crescida para a idade. Só mesmo alguém de fora, sem nenhum interesse para reconhecer que ela não era mais criança nenhuma. (CAPPARELLI, 1981, p. 27)

Ao realizarmos a leitura, podemos também ter a idéia do sofrimento que Ana passa ao enfrentar essa transição. Observamos por meio dos indícios que nos são apresentados ao longo da leitura o momento em que Ana passa de criança a mocinha pelo simples ato de calçar os sapatos de salto alto. Podemos dizer que este momento é representação do crescimento:

Nunca pensara que mamãe pudesse ter um pé tão pequeno. Do tamanho do seu. Mas mamãe já estava acostumada com aqueles saltos altos. Ana, ao contrário, teve de segurar na guarda da cama para dar os primeiros passos. Andou com cuidado. Lentamente o

medo de cair foi embora. [...] Se alguém a visse, não diria ser ela a menina de poucos minutos atrás, mas alguém muito mais velha, uns onze a doze anos, no mínimo. (CAPPARELLI, 1981, p 25)

Mais adiante, identificamos que Ana curte o momento “mocinha”, admirando as vitrines por onde passava, olhando roupas e acessórios para mulheres. Observou o dia-a-dia das demais pessoas que estavam a caminhar pelas ruas assim como ela. Enquanto ela caminhava por ruas mais tranquilas ela notava que era observada por algumas pessoas, mas quando passou a caminhar por ruas mais movimentadas Ana notou que eram poucas as pessoas que paravam para observá-la. É nesta passagem que podemos identificar o mundo adulto frente aos olhos de Ana, a correria do dia a dia não deixava com que as pessoas dessem atenção a ela, e neste momento ela começa a sentir dor nos pés o que podemos considerar ser o reconhecimento do mundo adulto e com ele o medo e sofrimento diante dele. Vejamos:

Os pés começaram a doer. Ela já tinha caminhado muito, entrando nas ruas mais movimentadas. No meio daquele povaréu, eram poucos os que se viravam para olhá-la. [...] Os Sapatos faziam calos no tornozelo. Fingia olhar as vitrines mas sua maior vontade era sentar-se no cordão da calçada, tirar os sapatos e comer um sorvete. Era impossível, porém. Teve novamente vontade de chorar. O jeito era agüentar firme. (CAPPARELLI, 1981,p 26)

Após se deparar com o mundo adulto Ana, depois de tomar um sorvete, começa a caminhar com destino à sua casa. No caminho de volta ela foi pensando no “mocinha” que o garçom da sorveteria usou ao falar com ela. : “Ana se derretia com aquele *mocinha*. Em casa, vivia a mãe dizendo que ela era ainda uma criança [...]” (CAPPARELLI, 1981,p. 27) Ela pensava que somente as pessoas de fora conseguiam ver que ela já não era mais criança e sim uma moça. Ao chegar em casa, depois de conseguir tirar suas roupas e a maquiagem, a mãe de Ana chega e aos nossos olhos, enquanto leitores o reconhecimento da dessa transição da infância a adolescência, se concretiza quando a mãe dela cansada da vida que estava levando, reclama a filha e recebe os cuidados da garota:

Ana teve pena. Sentou-se ao lado da mãe e passou as mãos no seu cabelo. – Não chore, mãezinha, o pai volta logo. Ela soluçava. Marquinhos veio do quarto com o caminhãozinho e já ia reclamar uma série de coisas numa linguagem que só ele entendia, mas calou-se, vendo a mamãe chorar. – Quer um café, mãezinha? Eu faço pra você. Ela assentiu com a cabeça. [...] – O que a boneca faz aqui na minha bolsa?- perguntou. – Nada, não. Estava brincando com ela aí no sofá. – Ana, você está mocinha para brincar de boneca. (CAPPARELLI, 1981, p. 30)

Ainda podemos destacar que Ana, ao entrar no quarto da mãe e, ao sentar-se na cama, percebe/matura-se quanto a vida sexual dos pais, ou seja, a personagem inicia sua viagem para dentro de si, descobrindo com isso que os pais mantinham uma relação sexual, ou seja, o mundo dos adultos, na visão de Ana é um mundo extremamente complexo.

Apoiando o pé na cama, forçou as molas com as costas. Soltou. Forçou de novo e o balanço no colchão era gostoso. Logo começou a ranger, bastava ir com mais força e mais rápido. Aquele ranger de molas não lhe era estranho. Às vezes, acordava de noite e de sua cama ouvia o rangido vindo do quarto. Ficava com medo e não ousava chamar ninguém. Depois que papai viajou, a cama dormia calada. (CAPARELLI, 1981, pg.24).

De forma sutil o narrador ao utilizar a prosopopeia, a cama dormia calada, revela que a Ana que a ausência do pai significa a ausência da relação sexual para a mãe.

Como pudemos observar, Caparelli consegue nos interar e nos deixar lado a lado com o mundo infantil para que possamos entender as angústias e tensões pelas quais as crianças em fase de transição da infância a adolescência enfrentam. Em “Ana de salto alto” conseguimos de maneira clara entender a tensão vivida pela personagem ao deparar-se com o mundo adulto, ao enfrentar as mudanças que não são possíveis de serem controladas. A transição é inevitável e ao fim da narrativa esta é aceita pela mãe.

3.2-ENTRE MUROS E AMORES: UM OLHAR SOBRE “MEG FOGUETE”

No conto, “Meg Foguete”, temos a oportunidade de ler uma pequena aventura vivida por Meg, uma garota que está tornando-se mocinha e ela consegue ver isso

se concretizar por meio das mudanças que ocorrem com seu corpo. De tanto falarem que ela esta mocinha, Meg usa um batom sabor uva, mas para que ela se sinta moça de verdade ela ainda espera que sua mãe a deixe usar sutiã, pois quando se olha percebe que seus seios estão começando a surgir. Porém a mãe de Meg diz que não se faz necessário que a filha use sutiã agora, pois ainda não tem seios e sim umas “bolotinhas”, isso deixava Meg brava. Meg e sua amiga Bitá conversam e então a garota comenta a respeito de ser mulher, as cólicas que sentem, mas Bitá só exclama que não se escolhe nascer mulher.

Pensando nessa questão das reclamações de Meg ao conversar com sua amiga, lembremos da marcante característica da literatura infantil contemporânea segundo Pessoa:

Atualmente, as personagens da literatura infantil falam, sem rodeios, do que pensam, do que sofrem e dialogam consigo mesmas e com as outras, tomando a palavra como chave de descobertas de saberes inconscientes. São revelações de imagens, o sentir medo, tristeza, dor, alegria. Elas vivem a realidade no compasso dos sonhos e das fantasias. (PESSOA, 2009, p. 5)

Em meio as conversas Meg comenta com a amiga que Marcos, colega da escola, disse que ela estava gostosa e pergunta a Bitá o que ela pensa a respeito, então a amiga responde que Meg está apenas tornando-se uma mulher. Na típica conversa de adolescentes as garotas comentam a respeito de alguns garotos da classe em que estudavam e discutiam se um ou outro dos garotos comentados estaria a fim de uma delas.

Enquanto conversam, Meg está se arrumando para que possam sair. Ao arrumar os cabelos Meg pergunta a amiga se não fica com a aparência de criança ainda usando Maria Chiquinha. No entanto Bitá responde que não e afirma ser isso a verdade. Para sair Meg escolhe um short lilás e uma blusa, a qual arruma três dedos acima do short. Depois de contemplar-se de corpo inteiro frente ao espelho as duas garotas saem. Novamente surge a imagem do espelho, como revelador de uma nova identidade que começa a surgir. Isso demonstra que as identidades sempre estão em mudança.

Assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós

há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identidades estão sendo continuamente deslocadas. (HALL. 2005. pg.13).

Na saída de casa as garotas se encontram com a mãe de Meg que de imediato pergunta onde as garotas estão indo. Meg apenas responde que ira com Bita até sua casa. Bita comenta com Meg que sua mãe não é implicante como a dela, e as duas continuam a dirigir-se frente ao edifício onde mora Márcio, o garoto que Meg esta gostando. Frente ao edifício, as garotas tiram da bolsa um spray e Bita começa a escrever “*Márcio ama Meg*” e desenha um coração flechado. Em seguida Meg pega o spray e escreve “*Márcio ama Meg e Meg esta pensando no caso. Ajudem Meg a se decidir.*” De repente chega um carro e com os faróis joga um fecho de luz na direção das meninas que correm e escondem-se atrás do tronco de uma árvore. Deste carro desce um homem de terno que vai até o muro e lê o que está escrito e logo após volta para o carro e sai do local, este homem segundo Meg era o pai de Márcio.

Partindo dos mesmos pressupostos da transição da infância a adolescência, podemos identificar neste conto que Meg esta na fase de mocinha, mas ainda apresenta traços da infância os quais a menina ainda têm duvidas se os abandonará ou não. Segundo Eichenberg (2009) é por meio da narrativa que se revelam as tensões vividas pelas personagens infantis, é justamente nas complexidades, impulsos, ações e as ambiguidades ao mundo interior do leitor e também ao mundo por ele descoberto que se faz possível identificar esses pontos e compreender de fato a verdadeira intenção dos contos infantis.

Vejamos o trecho em que podemos ter certeza a respeito da dúvida de Meg: “- Não achas que fico muito criança de Maria Chiquinha? – Não, acho que não. – Bita, me diz a VERDADE. – Essa é a VERDADE.” (CAPPARELLI, p 6) Neste trecho da narrativa podemos perceber que Meg esta indecisa com relação a imagem visual que passa quando usa Maria Chiquinha. Percebemos que ela esta confusa com relação a sua imagem, se usando Maria Chiquinha ela pode ser mocinha ou continuar tendo aparência de criança, essa confusão nos faz entender que para Meg não esta claro se já é moça ou ainda criança.

Neste conto, percebemos que Meg está influenciada por outras pessoas com relação a seu comportamento: “De tanto ouvir que estava uma mocinha, Meg vivia as turras com o batom liquido, sabor uva, sonhando com o dia em que finalmente iria

usar sutiã. – Tu tens só umas bolotinhas- dizia a mãe.” (Capparelli, p 5) Além de ouvir isso, Meg estava notando em seu corpo as mudanças que a transição da infância a adolescência provocam no corpo das meninas:

E Meg ficava braba por causa do bolotinha, onde já se viu, aquilo ali que marcava a blusa rala não era nenhuma bolotinha, mas um projeto ambicioso de seios que lhe dava calafrios, bastava se contemplar no espelho: a cintura que afinava, as sensações diferentes na sala de aula, a fantasia que não pagava passagem e a cólica incompreensível todo fim do mês. (CAPPARELLI, p 5)

Percebemos que tanto para a personagem quanto para as pessoas que eram próximas a ela, as mudanças estavam visíveis. Porém ao longo de toda a narrativa conseguimos notar a tensão vivida por Meg ao notar as mudanças em seu corpo e também em sua vida. E como a maioria das adolescentes, Meg tem uma amiga com a qual pode compartilhar essas tensões. Outra característica da adolescência nos é apresentada no trecho em que as meninas já estão a rua e Meg chama a amiga e pede que de uma olhada em suas costas: “Ve se eu tenho uma espinha aqui, perto do ombro.” (Capparelli, p 7) Como sabemos as espinhas são uma das características que normalmente aparecem em adolescentes, no entanto podemos tomar esse detalhe como mais um, para nossa afirmação da transição entre infância e adolescência da personagem em questão.

A tensão vivida por Meg nos faz pensar como ela se sente e perceber por meio de alguns detalhes apresentados ao longo da narrativa como a personagem aos poucos nos apresenta a sua perda da inocência e ter ações de uma típica adolescente. Relacionando a essa perda da inocência podemos citar aqui dois trechos da obra que a caracterizam. “Meg arruma a blusa três dedos acima do short, para aparecer parte da barriga. A seguir, aperta o laço da Maria Chiquinha e seu rosto se contrai.” (CAPPARELLI, p 6) vemos que na descrição de crianças, geralmente nos são apresentadas meninas que usam vestidos e acessórios meigos e que as deixem mais delicadas e ainda mais infantis. Nesse trecho observamos que além de Meg usar um short ela arruma a blusa para que apareça um pouco de sua barriga. Esse detalhe da blusa pode ser notada nos modelos de beleza que são impostos pela sociedade e Meg enquanto moça em formação acata esse modelo como justo em sua produção. Ao mesmo tempo que se apresenta moça com a vestimenta apresentada na narrativa, Meg revela-se menina pelo simples penteado

de Maria Chiquinha que geralmente as mães fazem em suas filhas que são ainda pequenas. Há então aqui o encontro entre a infância e a adolescência fazendo não só a personagem refletir mas nós enquanto leitores também.

O ponto chave para caracterizarmos Meg e sua amiga Bitá como adolescentes é quando as garotas estão a pichar o muro escrevendo frases que envolvam Meg e o garoto Márcio, do qual ela está gostando. Esse joguinho de sentimentos vivido pela personagem, nós enquanto adultos podemos identificar como sentimentos típicos da fase. Quem nunca gostou de um colega da escola?

- Nem estou. Amanha na escola, todo mundo vai cair em cima dele. – E tu? – Claro que eu vou dar uma bronca. Então, vai escrevendo meu nome em qualquer lugar!!! – Não estou entendendo. – Ora, dou a bronca e depois digo que não tem importância e que, pensando bem, gosto dele assim mesmo. É que não posso ser assim oferecida, não é mesmo? – Pois é, agora entendi. (CAPPARELLI, p 9)

Acreditamos que com esta breve análise do conto podemos compreender e mostrar que o conto estudado não é apenas uma história, mas sim a tensão vivida pela garota Meg ao deparar-se com a transição que sua vida está passando, é busca de saber se já é moça ou ainda criança. Como salienta Eichenberg (2006) “[...] uma das maiores riquezas das narrativas infantis é a de ajudá-la a ordenar seus sentimentos e compreender o mundo a partir de uma linguagem que seja compatível com sua lógica.” (2006, p.10) A passagem da infância a adolescência não é percebida de imediato pela criança, de maneira geral elas demoram um pouco para se dar conta das mudanças que estão acontecendo. Partindo dessa dificuldade de conseguir associar essa transição é que CAPARELLI dá a suas narrativas uma visão abrangente quanto ao desenvolvimento infantil, adequando de forma sábia o texto ao destinatário visando atraí-lo para a leitura. Sabe-se que para atrair o interesse do leitor, a narrativa deve estar “de acordo” com sua fase e também com seu gosto pela leitura.

3.3- CONFLUÊNCIAS: MEG E ANA

Traçando aqui um pequeno paralelo entre os dois contos abordados no presente trabalho, podemos observar alguns detalhes que se afirmam e firmam a questão de transição da infância e adolescência compreendida nas narrativas.

Enquanto a mãe de Ana no início da narrativa ainda a considerava uma criança a mãe de Meg já percebia junto com a garota as mudanças que seu corpo passava.

Com relação ao vestuário das personagens, podemos observar que Ana ainda está na fase inicial da transição infância-adolescência tanto que ao escolher a roupa para sair faz a escolha de um vestido que seu pai havia comprado para que fosse ao casamento de sua tia. Já Meg além de vestir-se como uma moça nos é dado o detalhe que ela levanta a blusa para que pudesse aparecer um pouco de sua barriga, esse detalhe nos deixa pensar que Meg está em uma fase já adiantada com relação a transição enfrentada por ambas as personagens em questão.

As personagens vivem fases diferentes dessa transição, pois enquanto Ana passa por maior tensão que ainda esta começando a entender os fatos, entender o que se passam consigo, Meg já esta tendo que passar por tensões diferentes a mais marcante que podemos citar de momento é as transformações visíveis pelas quais seu corpo esta passando.

A dúvida em ser criança ou ser moça surge em momentos marcantes nas duas narrativas. Em Ana é caracterizado pelo ocultamento e o aparecimento da boneca Adélia na bolsa, já em Meg podemos notar que isso é visível quando ela se preocupa com sua aparência ao estar usando o penteado Maria Chiquinha. Para tanto, “entender a *infância* como um período de *maturação das potencialidades* que cada ser traz consigo e que o meio familiar, social, e cultural auxilia a eclodir e a se transformar é conquista do nosso tempo.” (AMARAL, 2004. p.54) com isso CAPARELLI mostrou com os contos aqui estudados que sua literatura contemporânea auxilia nos conflitos vividos por suas personagens e também seus leitores, neste caso o público infantil.

Enfim, para maiores efeitos e compreensão das narrativas podemos afirmar que Capparelli conseguiu de maneira sabia nos mostrar e nos deixar compreender as tensões vividas pelo mundo infantil em especial por meio das duas personagens Ana e Meg, nesse sentido de saber mostrar recordemos o que Pessoa (2009) nos afirma ao dizer que: “A eficácia de um livro para crianças pode estar no autor, geralmente um adulto, ao descobrir e tocar o universo da criança.”(2009, p.3) Foi por meio desta sabia maneira do autor, em retratar as angustias das garotas, que pudemos entender as angustias vividas por elas que passam pelo processo de tornarem-se mocinhas. Tivemos a oportunidade de acompanhar, mesmo que ficcionalmente o questionamento que a maioria das meninas se faz quando estão

passando por essa fase. Sabendo agora que o principal questionamento feito a elas é “Ser menina ou ser mulher”?

CONCLUSÃO

Com este trabalho fizemos considerações importantes acerca da passagem da infância à vida adulta, os medos e tensões enfrentadas pelas crianças e jovens que passam por esta fase.

As obras, *corpus* de pesquisa, “Ana de salto alto” e “Meg Foguete” nos levaram a refletir que a passagem da infância para a vida adulto decorre por meio de inúmeros conflitos, sendo que no primeiro conto, *idem*, essa passagem decorre do espelhamento da personagem Ana com a mãe, por meio do uso dos elementos que pertencem ao universo adulto (batom, maquiagem, sapato de salto e a bolsa), por sua vez o segundo *idem* revela os desejos de escolha e os conflitos dos primeiros relacionamentos adolescentes.

Os contos demonstraram que mesmo voltando-se para o público infanto-juvenil eles refletem uma visão de mundo e do público infanto-juvenil. Compreendemos como um verdadeiro arcabouço identitário acerca da constituição do ser menina e ser mulher que decorrem de uma crise de identidade e um conflito de sujeitos. Ana deseja ser mulher, assim como Meg deseja ter e fazer suas próprias escolhas, e para essa construção identitária acontecer muitas descobertas serão realizadas.

Lembrando que quando falamos em literatura infanto-juvenil não nos referimos que esta seja voltada apenas ao público infantil seu principal leitor, sabemos que a Literatura é apresentada como fonte mediadora do conhecimento e por assim ser e estar ligada ao homem e ao mundo é por meio dela que podemos entender as transformações e tensões vividas. Pensando em nosso trabalho pudemos de forma objetiva observar as tensões e medos vividos pelas personagens de Caparelli.

Enfim, com este trabalho ao discutir a respeito das transformações vividas pelas personagens Ana e Meg, Caparelli soube sabiamente nos fazer compreender que a literatura é e sempre estará ligada ao homem e aquilo que o cerca; sempre auxiliando na compreensão do homem enquanto ser no mundo em que vive.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Melhoramentos. 1990, ps. 176-178

BRANCHINE, Vanda Josefina. **O discurso do Salto alto**. Dissertação apresentada pela FASA- Centro Universitário de Brasília, 2006

CAPARELLI, Sérgio, **Ana de Salto Alto**, in: Ana de Salto Alto. Porto Alegre, Nova Leitura, 1981

CAPARELLI, Sérgio, **Meg Foguete**, in: Ana de Salto Alto. Porto Alegre, Nova Leitura, 1985

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infanto-juvenil**. São Paulo: Ática. 1991, ps.208-224

COUTINHO, Afrânio. Que é literatura e como ensiná-la. **Notas de teoria literária**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 8 -15.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes Cunha. **Literatura Infantil: teoria e prática**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1987.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1964.

LAJOLO, Marisa. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos**. São Paulo: Global, 1986

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. São Paulo: Ática, 2003

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **O preço da leitura.** Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS, Porto Alegre, v. 3, n. 1, mar. 1999

MORAES, Tereza. **Literatura e escritura:** caminhos da liberação feminina. São Paulo: USP, 2001 (Tese de Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa)

PESSOA, Maria LidiaM. de Noronha. **As representações da mãe na literatura infantil brasileira.**

ZILBERMAN, Regina. **A literaturainfantilnaescola.** 4 ed. São Paulo: Global, 1985.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005